



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

17 DE AGOSTO DE 1963
ANO XX — N.º 507 — Preço 1\$00

COORDENAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PACO DE SOUSA
FUNDADOR: Padre Américo
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Cantinho DOS RAPAZES

E U gosto muito dos Santos que foram pecadores. Alentam-me. Acho que eles são para todo o homem que vive neste mundo, em luta até ao fim, uma afirmação de Esperança e uma confirmação consumada de como «há mais alegria no Céu por um pecador que se converte do que por noventa e nove justos que perseveram».

E, de entre todos, tenho uma predilecção por Santa Maria Madalena.

Aquela cena que relata o Evangelho!... Maria... silenciosa, escondida, sem que a princípio ninguém reparasse nela senão só Jesus, lava com lágrimas, enxuga com os cabelos, unge com perfume os pés de Jesus.

Depois é notada. O fariseu julga, com aquela medida apertada com que será julgado. Jesus vê o seu pensamento e propõe-lhe a parábola dos dois devedores. O próprio fariseu conclui: «Mais amava aquele a quem mais foi perdoado».

E Jesus explica a Maria a conclusão. Porque ela reconheceu a sua grande dívida e acreditou que Deus quer a conversão do pecador e que ele viva, eis que muito amou Aquele que ali estava pronto a perdoar — e porque muito amou, muitos pecados, todos!, lhe foram perdoados.

Jesus é a chave de todos os problemas da alma — meus rapazes. Não há incuráveis, não há perdidos — onde houver um coração capaz de amar Jesus e de chorar os seus pecados. Basta conhecê-lo cheio de misericórdia, vindo para perdoar, para tomar Ele próprio a iniciativa a que só espera a nossa correspondência; interpelando-nos de braços abertos para nos fazer vencedores do Demónio e de nós mesmos pelo Seu abraço em que nos deixamos apertar.

Quanto de vós não sofreis mazelas de alma... Eu sei! E começo a descansar quando vocês as começam a sofrer... Porque ter mazelas de alma — é a nossa própria condição. Sofrê-las — é o sinal de partida para a longa caminhada de as curarmos. E na dureza do andar, no encontro de tantos obstáculos, de muitas incompreensões — quanto risco de desânimo, quanto convite à desistência...!

Pois ao longo desse caminho áspero muita vez vos aparecerá Jesus. Jesus Ele mesmo, o Filho do Carpinteiro, que não é outro senão o Filho de Deus.

Muitas vezes vos aparecerá para vos dar, como naquele dia à Madalena, como sempre a todos os homens de boa vontade

com quem se faz encontrado — para vos dar uma oportunidade de O conhecerdes infinito na sua capacidade de perdão; para vos conhecerdes na grandeza (mas sempre limitada) dos vossos pecados; e acreditardes que o infinito da Sua misericórdia preencherá, infalivelmente, os numerosos vazios da vossa miséria.

Na oportunidade de um tal encontro, de uma tal descoberta, se sofreis as mazelas da vossa alma, todos os desencontros e incompreensões e desânimos se Continua na SEGUNDA pág.



No meio do grupo está o Padre Luiz — emocionado pela alegria da comunidade.

Ordenação e Missa - Nova do Padre Luiz

Dias antes deste grande acontecimento, tudo se preparava para as horas altas que se iriam viver. O Américo e as senhoras estudaram, em pormenor, tudo o que seria preciso.

A rapaziada grande e pequena vivia antecipadamente a festa da Missa Nova do Senhor Padre Luiz Barata, oitavo Padre da Rua, outrora o Senhor engenheiro.

Cerimónia cheia do Espírito Santo

Ontem, foi a ordenação na Catedral da Diocese Portuguesa. Cerimónia toda ela cheia do Espírito Santo, que foi comunicado aos novos Presbíteros pelo nosso venerando Pastor: «Louvores a Deus, por este dia grande na Diocese do Porto. Os Padres são vossos, estimai-os e respeitai-os. Eles deram-se a todos, grandes e pequenos, ricos e pobres, doentes e desamparados. Eles querem ser tudo para todos, sem excepção. Ministros de Deus, para todo o serviço e para todas as necessidades». E o Sr. Bispo acrescentou: «Já não vos chamarei servos, mas meus amigos. Recebei o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados e

Visado pela
Comissão de Censura

aqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos».

O sacerdócio de Cristo serviu-o, e ei-lo Padre. Mais, «Padre pobre ao serviço de uma Obra pobre», que se alojou em seu coração e cujo lema é servir, dando-se. São assim os nossos Padres que, em nossas casas, se consomem no amor do próximo, mormente o Rapaz da Rua.

Recepção apoteótica

Hoje foi a Missa Nova na capelinha da nossa Aldeia.

O clarear deste dia memorável, embora chuvoso e frio, fez despertar os habitantes desta formosa aldeia, na mais sã disposição e em alegre chilrear. Um grupo dos maiores, procedeu aos retoques num lindíssimo tapete de serrim colorido, que ia das escadas da capela até ao fundo da avenida. E tudo se conjugava para que a alegria permanecesse em nossos corações.

De todas as casas da Obra da Rua, vieram seus representantes trazer o abraço amigo e familiar a este novo servo de Deus.

A nossa malta foi aparecendo e, todos eles, pequenos e grandes, vestiam com tirone. Continua na TERCEIRA pág.

AGORA

QUANDO o trânsito é muito, nas horas de ponta, os pobres dos sinaleiros vêm-se e desejam-se para escoar o movimento e acalmar a impaciência dos transeuntes. Assim me acontece com as crónicas do que nos dão. A gente não quer sobrecarregar o jornal com estas notícias... E elas vão esperando...

Depois juntam-se muitas... E quando dois ou três dos nossos padres se lembram de escrever ao mesmo tempo os seus maizes, como nós dizemos cá na nossa gíria...?! Ó desorganização!

Vamos pois aproveitar esta aberta e dar saída à Procissão dos das Casas a prestações.

Abre-a um «Casal agradecido ao Senhor» que junta mil e fica nos 8 deles. Tavira vem «muito satisfeita por me ser possível despachar 500\$00 que perfaz a quantia de mil. Vamos a ver se com a ajuda do Senhor consigo satisfazer este grande desejo».

Consegue sim, minha senhora. «Estas casas, primeiro, fa-
CONTINUA NA SEGUNDA PÁGINA

AGORA

cont. da PRIMEIRA página.

zem-se no coração». Se a senhora a tem lá construída, também cá fora ela será.

Passa Mutuali com a 8.ª prestação para a Vivenda de S. José. E «uma grande Amiga» com uma migalhinha e mais outra a juntar aos mil de outra vez para a Casa das três Marias. (Se não erro é já a 3.ª casa com este nome).

Mais uma presença da Casa dos Grilos, «que segundo o meu registo fica agora em três contos. Estará certo?» — Está, sim senhor!

«De algures em Portugal», uma «Mãe amargurada» manda 60\$00 e tem as suas contas certas.

Agora é «uma Mãe», sem mais adjectivos com 100+100+100 com os quais perfaz 900\$00. Para a casa de um casal muito amigo mais 1.000\$.

Duas vezes dois mil para a Casa de minha Mãe. Duas vezes 250 para a Casa de N. S.ª do Rosário.

Oração apresentou-se quatro vezes com 1.500\$ de cada.

Agora é a Zézinha, Pais e Avós da Beira, com 1.500\$00 para o Casal Maria José e esta nota tão delicada: «Pedimos que nos desculpem de há tanto tempo termos interrompido o envio das prestações. A última foi em Junho de 1961 e certamente já pensavam que nos tínhamos esquecido...»

Trezentos de Maria Vicência, prestação referente ao 1.º semestre de 63.

A Casa do Emigrante levou mais uma fiada de 250\$00. Mil, 3.ª prestação para a Casa Adozinda e Mário.

Eis o Sempre feliz Casal de Noivos que em Abril somou 3000\$ e agora junta mais 600\$ das prestações de Maio, Junho e Julho. E esta notazinha da provação que sempre Deus envia aos bons:

«Esta vez peço-lhe uma oração especial pelo meu ma-

rido que se encontra em Angola, defendendo o que é nosso.

Sempre que temos ido ao Porto passamos pela Casa do Gaiato, pois desde que aí fomos na nossa viagem de núpcias, nunca mais podemos deixar de o fazer sempre que aí passamos perto, pois a Casa do Gaiato é um Revigorante Espiritual, como não há outro.

Espero em breve juntar-me ao meu marido, mas quando daqui a dois anos regressarmos à Metrópole para junto dos nossos filhos, iremos aí com eles agradecer a Nosso Senhor todas as graças que nos tem concedido».

Esta procissão abriu com um casal e eles continuam a surgir de corações unidos ao longo do desfile.

É o casal - assinante 28562, com suas cotas de Fevereiro, Abril, Maio, 1 e 30 de Junho. Ficam na 66.ª de 100\$ e contas certas.

E mais outro: É o assinante 6790 que, de ora em vez, aparece pela mão de sua mulher. Desta feita são sete presenças que totalizam 1.050\$.

Uma nova devoção: A Casa N. S.ª do Sameiro que recebe os alicerces — 500\$00.

Voltamos aos velhos conhecimentos. Velhos os conhecimentos, que não, forçosamente, as pessoas conhecidas! É Helena 5 vezes e a Casa A nossa Paz que recebe os últimos 5 mil e termina no seu valor real: vinte e cinco contos. «Vamos prosseguir na construção de outra casa que designaremos, se assim achar bem, por Lar Cristiano. Em Maio de 64, se Deus Nosso Senhor nos não faltar com a vida e a saúde, remeteremos 4000\$, 1.ª unidade para a referida casa». Ó delicadeza! Ó beleza!

Mais gente de há muito: É da Rua P.e Sena Freitas, com 4x100\$.

E a Casa do António e do Fernando que fica em 9.800\$. E o Alberto do «Plano decenal», três vezes mas duas delas a dobrar. E um assinante de «O Gaiato», de Lisboa, com as suas cotas de Janeiro a Julho. E Cruz, da Beira, com 700+500+500+800+500 para a Casa Graças à SS. Virgem. A Casa N. S.ª das Candeias aproxima-se do telhado. A Casa Salvé - Rainha em três vezes subiu 5 contos.

Aí vem a «Mãe que crê em Deus», carregada com o peso da sua cruz, mas alegre e feliz por ainda assim poder aliviar a dos outros. São cinco presenças.

Outro casal: Berta e Jorge com 1000+500. A Casa da Avó

Ema, levou um empurrão de 1500\$. Boa sorte para a neta e que também se não esqueça de rezar por nós.

«Mais 10 prestações para a Casa Jesus consolai os que sofrem e assim, quando comprar o frigorífico, penso que compre um maior e a casa ficará paga mais cedo». Ó heroísmo!

«Aqui vai o cheque de 2.000\$00 para juntar aos julgo que 12.000\$00 que já lá estão com o fim de fazer uma casa do Património dos Pobres com o nome de Fernando e Manuela que está parada há muito tempo, infelizmente, por inércia e vida ocupadíssima, mas sem nunca sair do pensamento graças a Deus e vamos a ver se agora se acaba pois queríamos ir aos 20.000\$00 preço em que julgo avaliada uma casa cá para os arredores de Lisboa.

Agradecendo todo o bem que «O Gaiato» nos faz, enviamos estes 2.000\$00 no 11.º aniversário do nosso casamento, 1.000\$00 ganho por cada um.

Cumprimentamo-lo

Manuela e Fernando».

Que há-de a gente acrescentar?

«A Mãe dum assinante junta 250\$ a igual quantia do mês passado, ambas as quantias destinadas às prestações de uma casinha sonhada».

J. L. continua, com um outro título, o que há anos faz ininterruptamente: 1.000\$ por mês.

Termina a procissão de hoje o «Desconhecido» com 1.000+1.500\$ para a Casa Pio XII e mais este recado:

«Quero participar com 12 contos na construção da casa Pio XII do Património dos Pobres. Para esse fim, junto hoje a primeira migalha de 1.000\$00. A outra destina-se ao Barredo. Ali não se vive; morre-se por culpa de todos nós. Peço-lhe me recomende às orações de alguns dos mais resignados membros de uma sociedade que, dizendo-se cristã, ignora que o caminho para a Igreja e para Deus passa pelos Barredos, pelos Hospitais, Prisões e até, santo Deus, pelos lupanares.

Quanto de bom se poderia fazer com tanto dinheiro inútil que corrompe as consciências.

Mas como, se os que tudo têm nada podem dar porque as suas necessidades são cada vez maiores? Podem, em condições especiais, fazer filantropia, mas ignoram a Caridade.

Esta é renúncia e compreensão que só podem entender e praticar os que sentem o Evangelho, conhecem a dureza da vida e fraquezas dos homens.

Creia sempre na amizade dum

Desconhecido».

O desenvolvimento das faculdades superiores do rapaz — inteligência e vontade — são para nós a primeira preocupação. Está muito acima das que nascem da comida e do vestuário e superam pelas grandes aflições que nos trazem e até pelos desgostos que acarretam.

Inteligência desenvolvida e esclarecida, vontade formada e o homem surge — apesar do emalhado da vida a que o abandonou os votou.

As nossas escolas são o primeiro empurrão que o rapaz sofre. Nelas pomos toda a nossa atenção. Para elas escolhemos professores capazes em dedicação e competência.

Eu classifico de muito bom o ano agora findo. Treze deles fizeram a 4.ª classe. Não houve reprovações. Passaram a saber e fizeram exames brilhantes.

No Liceu os resultados foram também muito bons, não tanto pelo brilho das notas mas pelo trabalho.

Crizanto, aluno do Externato Frei Agostinho da Cruz, onde estuda há cinco anos sem gastar um tostão à Casa do Gaiato fez o 5.º ano do Liceu. Ele é actualmente na nossa casa o rapaz mais adiantado. A sua cultura ficamos a devê-la ao Director do Externato, que sem esperar agradecimentos se dá cada vez com mais generosidade e mais interesse.

Eu tenho este ano mais dois

UM ANÚNCIO

Amigo leitor, precisa de um empregado/ajudante de Escritório? Se precisa, aqui estou. Mais uma vez creio no bom acolhimento sempre dispensado por vós às necessidades de um gaiato. Eu queria empregar-me para ter facilidade de estudar à noite. Completei o segundo ano de Liceu e desejava continuar, mas não tive a sorte que todos esperavam que tivesse e não segui mais. Estou passando um ano por cá, a refrescar as ideias que, no Porto, já me estavam a estragar os miolos. Portanto, amigo leitor, logo que haja uma vaga no vosso escritório não se esqueça de mim que, embora não tenha curso de contabilidade, dou um jeitão em contas correntes, e em dactilografia, também. Na nossa Tipografia temos um bom serviço de escritório, onde adquiri alguma experiência necessária a um bom empregado.

Querido leitor, à espera das vossas ordens fica o

Orlando da Rocha

Setúbal

que querem estudar e não o podem fazer ao abrigo do ensino oficial por causa da idade. Vou bater às portas do Frei Agostinho. Sei que elas se vão abrir. Agradecemos todos ao Senhor o bom acolhimento que eu encontro naquele Estabelecimento de ensino.

Rouxinol passou para o 5.º ano do Liceu e Rogério para o quarto.

Na Escola Industrial, os mais velhos também brilharam. O Cabanas pelo estudo, o Lisboa

(que é de Setúbal, apesar do apelido) pelas faculdades. Estão no último ano. Lisboa dispensou a tudo menos a Matemática. Cabanas é sério no trabalho e habilidoso na prática. Lisboa não tem sido. Parece começar a ser. Ele tem muito mais possibilidades. Daqui eu apreciar mais aquele que este.

Arlindo fez o 2.º ano e quer ser electricista. Vale-se também das boas faculdades com que Deus o dotou. Espero que assente.

João Manuel, reprovou. Todo o ano a cabeça andou no ar, apesar dos tribunais e dos castigos. Ai tem ele o fruto do seu esforço.

Cabanas II e Murta fizeram o 1.º ano. A base da nossa escola primária foi o abstracto que lhes permitiu aguentar o ano neste seu primeiro contacto a sós com o estudo. Eu pró ano tenho de vigiar.

Mais três fizeram exame de admissão ao Liceu e dois à Escola Técnica. Todos fizeram boa figura — menos Coruja que reprovou. A representação saiu exactamente como o ensaio. Quem não se ensaia bem não pode ser bom actor. Coruja levou o ano a brincar no desinteresse de tudo o que lhe devia interessar.

Manuel Joaquim fez o primeiro ano do curso comercial. Não brilhou. Apesar dos seus 18 anos, e de nos mostrar ser sempre um homem, Manuel Joaquim resolveu ser, agora, criança... Tive pena. Esperava e espero outra coisa!

Padre Acílio

A nova impressora automática devora trabalho!

Se deseja mandar executar serviços tipográficos

proveite a

TIPOGRAFIA DA CASA DO GAIATO
PAÇO DE SOUSA

«O Gaiato»

De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Ordenação e Missa-Nova do Padre Luiz



O Padre Luiz no acto da Ordenação.

Cont. da PRIMEIRA pág.

sia. Eis os mais velhos, casados já, e suas esposas e filhos. Muita gente nossa conhecida, amigos e colegas do neo-sacerdote, sua família e demais convidados. Ainda a presença do casal amigo que nunca falta a estes actos grandes, senhora D. Ana e senhor Albino. Presente, também, o nosso muito amado avô da Obra da Rua, Rev. Dr. Avelino Soares.

Soadas as 10 horas na torre do Mosteiro, tudo se encaminhou para a entrada do portão, aonde instantes depois, chegou o nosso Padre Luiz. Foi ele, emocionado até às lágrimas, abraçado por todos e no meio de um grupo de gaiatos, a subir a avenida, com destino ao lugar mais santo que existe na aldeia da Casa do Gaiato, a nossa capela. No

ar estoiravam girândolas de foguetes.

O acto solene da Missa Nova

Na intimidade da nossa grande família, o acto solene da Missa Nova do Senhor P.e Luiz, ia começar. E, logo a subir, pela vez primeira, os degraus do altar, acolitado pelos senhores padres Carlos, Horácio e Telmo. A tudo, Pai Américo invisível, assistia emocionado e satisfeito. O Senhor Deus, acabava de nos dar mais um Cireneu.

O nosso grupo coral, regido pelas mãos de mestre do Snr. P.e Arlindo, fazia-se ouvir. A intervalos era substituído pelo conjunto de colegas do celebrante. Ao órgão esteve o Snr. P.e António Santos, exímio organista.

Homilia pelo Padre Manuel

A homilia foi feita pelo Snr. Padre Manuel, que disse do



A pequenina grei dos Padres da Rua.

do o que tens, e dá-o aos pobres e terás um tesouro no Céu. Depois, vem e segue-Me».

A comunhão foi distribuída pelo sacerdote a inúmeros fiéis que se abeiraram do divino manjar. «Eu sou a porta. Se alguém entrar por Mim, será salvo».

No final do Santo Sacrifício, houve a cerimónia do beija-mão. Todos, em respeito e admiração, desfilaram perante o altar, beijando aquelas mãos purificadas pelo santo óleo.

No copo d'água

boa disposição e alegre convívio

Cá fora, no largo da Capela, a alegria era comunica-

Tudo e todos se encontravam em forma, e a «coisada» foi correndo em grande estilo. Não havia distinção de classes e todos éramos irmãos.

Nada faltou, graças a Deus. Cada chefe olhava pelos seus rapazes, e a ordem foi respeitada. Coisas boas em todas as mesas e de todos os gostos e feitos.

Canções e hurras

O numeroso grupo de colegas do Senhor P.e Luiz fez-se ouvir, de quando em vez, nas suas alegres canções e nos seus clássicos hurras. O entusiasmo alegre desta reunião, permanecia. Ainda uma surpresa para os presentes, foi obra do Américo. Na altura em que tudo rilhava e conversava, ouvem-se uns acordes de piano, abre-se o pano do palco e aparecem os nossos grandes batatinhas. Eles deliciaram esta numerosa falange de amigos, em vários números do seu brilhante reportório, a qual não se cansou de aplaudir.

Por fim, Padre Luiz deu graças a Deus

Senhor P.e Luiz foi o único orador durante o repasto. Como sempre e em tudo e em primeiro lugar, para dar graças a Deus por esta hora alta que todos vivemos. Agradeceu a todos a sua presença e à Obra a sua aceitação. Ouvimos, ainda, uma pequena gravação de Pai Américo alusiva ao Padre da Rua.

De joelhos e de mãos postas, nós Te agradecemos Senhor. Ele deixou tudo, tudo para Vos seguir. Que na nossa humilde condição de pobres pecadores, o saibamos merecer.

MANUEL PINTO

Escolas

Mais um ano passou.

No Lar do Porto, dos estudantes profissionais, o «Pílico» fez o 2.º ano com dispensa às orais; O Xico Bessa teve de aguentar até ao fim as provas do 5.º ano e passou com 12. Podia e devia ter ido além. Merecia-o o Colégio João de Deus, o nosso Colégio no Porto, que tão afectuosamente tem oferecido oportunidades aos de boa vontade e até aos de menos boa.

O Amériquito, esse ficou pelo caminho. Já no Natal era para ficar. A muita bondade e compreensão de um Director do Colégio, decidiu-nos a tentar a experiência até à Páscoa. Foi um fiasco. O Amériquito terá um dia ocasião de lamentar o que desperdiçou.

No grupo dos estudantes da noite, as coisas foram como é costume, infelizmente: muito fogo ao princípio e muito esmorecimento um mês ou dois depois. Raros são os que aguentam o sacrifício real que constitui a frequência de um curso em sobremesa a um dia de trabalho!

Tirando o Manuel Teixeira, que interrompeu seu curso, por ter ido para o Brasil, só o «Mirandela» e o Xico tece-lão, aliás repetentes, concluíram o ano lectivo. «Baleia» e «Grã de Bico» passaram mancos. Já me esquecia do Quim Oliveira. Esse acabou o terceiro ano de Impressor Tipográfico, direitinho como sempre.

Na Escola Agrícola em S.to Tirso passou o Tavares e o

Rui. O «Tóto» chumbou e acabou!

Em Paço de Sousa, foram nove à 4.ª classe e os nove passaram.

Quatro fizeram a admissão ao Liceu, mas um reprovou. As passagens de classe foram regulares.

Os nossos três angolanos mais velhos passaram do quase analfabetismo à 3.ª classe. São uma categoria! E foram um exemplo de ansia de saber e boa vontade no aproveitamento de todos os bocadinhos.

Mas tanto aqui como em Beire, como no Tojal, houve falhas muito graves. Em Beire, o descontinuo funcionamento do curso especial foi de tal sorte, que ao fim de quatro anos temos de reconhecer que só os cursos de adultos, aliás sustentados pela Obra, salvaram a situação.

No Tojal, com o Posto Escolar sucedeu a mesma coisa e o aproveitamento real de duas classes foi praticamente nulo.

Aqui, no dia 1 de Outubro, ao fazer as matrículas, reconheceu-se que havia número de rapazes suficiente para três lugares de Escola. No dia 2 pediu-se a criação do terceiro lugar. Pois ouvi dizer há momentos que tinha sido criado agora, agora que já nem sei se será preciso para o próximo ano lectivo!... E, entretanto, foram mais de trinta crianças sem escola regular durante todo um ano lectivo. Valha-me Deus!



Um testemunho do alegre convívio é a boa disposição dos serventes do copo d'água.

momento que celebrávamos à roda do altar: «Aquele que celebra hoje a sua primeira Missa, e que os olhos da carne vêem, é um irmão, um companheiro, um colega mais velho. Mas é mais do que isso, é um Padre. Um Cristo vivo na terra. Que grandeza o ser sacerdote! Ele tem, à face dos homens, todos os poderes do Senhor».

A doutrina do Mestre foi ouvida pela palavra fluente e compreensiva do orador. Ela passava do ouvido ao coração: «É mais um Pelicano, «que não tem residência, nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada» e se veio dar humilde e totalmente à Obra da Rua. O quanto lhe devemos nós, os da Obra! O Padre Luiz ouviu o que Jesus disse outrora: «Se queres ser perfeito vai, vende tu-

tiva a todos os presentes. Grupos, aqui e acolá, são fotografados. Tudo quer ficar no meio do muito nosso P.e Luiz. E toca a disparar. O Avelino, de máquina a tiracolo, lá foi atendendo da melhor maneira.

A sineta deu sinal, e lá fomos nós para o copo d'água, que se realizou no nosso salão de festas.

Dentro da família numerosa de que todos fazíamos parte, não podia ausentar-se a boa disposição e o alegre convívio.

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

PELAS CASAS DO GAIATO

SETUBAL

PASSARINHOS — e passarões. Nem tudo é amor nesta casa. E se ele fosse senhor não tínhamos que assentar arraias. Eu tenho falado do amor que os nossos dedicam aos pássaros.

Noutro dia, um guarda não sei de quê, veio ter connosco, por via dos nossos irem aos rinhos de caça. Eu expliquei que enquanto não vissemos crime, que não iríamos furtar ao rapaz o gosto de ir tirar um ninho. Pois se eles têm passarinhos em toda a parte! As

gaiolas da vacaria que o digam. Pois parece que nem de propósito!... Quando eu defendia a minha tese e o encarregado da lei defendia o seu dever de funcionário, chegamos ao pé de nós alguns dos nossos rapazes. Com leis, códigos e artigos, a minha tese ia por água abaixo. Nisto ouço piar. Olho pró lado, e vejo o Emiliano com um pardal na mão. E naquela hora, quando a ciência do homem fraquejava, veio o pardal, mais o amor do seu pequenino dono, defender uma lei sem códigos nem artigos: a lei da razão.

ANIVERSÁRIO — Dia do Preciosíssimo Sangue. Oito anos decorridos. Como todas as coisas grandes,

também esta nossa casa vai devagarinho. O sacrifício habita nela, como ligada que está ao Preciosíssimo Sangue. O Calvário e a Ressurreição, têm andado de mãos dadas na salvação. Foi assim, e nas nossas Casas saboreámos o fel da Paixão, e as amêndoas da Ressurreição. E nós vemos em cada um dos nossos rapazes — ou esforçamo-nos por ver — aquilo que Pai Américo via em nós. Um Cristo sedento de Justiça, de Amor e de Paz. Jesus Cristo, com os defeitos que outros lhe impuseram por inveja da Sua Realza, porque as Suas maneiras Divinas transformam os nossos rapazes e as nossas paixões.

Pai Américo via sede de parte a parte, e saiu pró sul. Setúbal tinha barracas — apesar de muito progresso na cidade. O rapaz abandonado jazia a montes nas ruas. Indiferentes, passavam e escarneciam dando o tostãozinho símbolo de miséria. E o rapaz corrompia-se apesar desta esmola. O tostão não era o que ele precisava. Uma outra coisa ele pedia no seu «dê-me um tostãozinho».

Era Amor, era Justiça, a sua fome. Nós precisávamos de família, do pai que não tínhamos, da mãe que não queria e não podia. E não podia, porque o pai se escondia por detrás dum gabinete onde se julga ainda pela antiga lei.

É isto que te dou pra mastigares no estômago da tua consciência. Oito anos passados, e cento e tantos rapazes numa casa, uma Família que se esforça por se assemelhar à de Nazaré.

ROGÉRIO — É o vendedor por excelência.

Não tem fregueses. A sua tese, é o esforço que faz e a propagação que dita. Todos gabam o seu esforço e todos dizem das suas maneiras de vender. Ele anda no Liceu. Vai amando como pode e como sabe, a família que tanto ama. Ele tem maneiras especiais para seduzir os senhores a comprar o nosso jornal. Deixem-se seduzir, porque a Verdade nasce destes rapazes que antes eram sem eira nem beira.

Ernesto Pinto

ERICEIRA

BANHOS — É a primeira vez que o Marinho e o Humberto estão cá na praia para passar uma temporada e como são ainda muito pequenos, eles tinham medo das ondas. Era ouvir o Marinho a gritar «quem acode, que eu me afogo!»; mas sem ouvir os seus gritos, eu obriguei-o a entrar na água e agora ele já lá vai pelo seu pé e depois todo vaidoso vem dizer-me: «Olha que eu tive água até aqui!» — e põe a mão à altura do pescoço.

LADRÃO — No domingo fomos à missa e quando voltámos qual não foi a surpresa do cozinheiro por não encontrar mais que um pedacinho de carne no prato. Houve um inquérito e chegámos à conclusão de que foi um cão que rondava a casa que aproveitou a nossa ausência para servir-se de um almoço de primeira categoria. Desde então quando saímos temos o cuidado de fechar bem a casa.

PINHÕES — Para os pobres não há bombons, e os rebuçados são raros; por isso os pinhões representam o maior mimo que está ao alcance dos nossos rapazes. Quando estão na praia há uma pergunta que está sempre na boca delles: «quando é que vamos ao pinhal?» E depois são cascas de pinhões de todos os lados, e às vezes também um gesto de delicadeza como o do Carequita que no outro dia veio ter comigo e me ofereceu uma mão cheia de pinhões descascados, e ele é dos mais pequenos!

Rogério Gomes

PAÇO DE SOUSA

UMA FESTA — Desta vez foi na Trofa, terra natal do Sr. Padre Manuel António.

As comédias, cantigas e tudo o mais, somente precisaram de um breve ensaio para saírem com a devida categoria!

O público, ansioso por nos ver, mal subiu o pano fez choer uma forte tempestade de palmas. É bem verdade que a nossa categoria no palco é merecedora de bons aplausos.

Entraram em cena os maiores, dançando a valsa de Strauss, já por mais de meia dúzia de vezes actuada por eles, fez verdadeiro sucesso. Em seguida vieram os batatas. Seria demais descrever o «basqueiro» de alegria produzido quando eles começaram a dançar o Twist; aquilo foi um sucesso cem por cento formidável.

É certo ter havido por lá uma «barracazinha», mas ninguém se «cortou». O piano era de gritos; o microfone e gravador — tudo avariado! Os espectadores compreenderam que ver as nossas actuações não era o mais importante da festa; o que eles queriam era ver-nos ali com o Sr. Padre Manuel António.

Vem por fim a hora da partida e, como sempre, verificaram-se carinhosos e demorados adeus do povo tão amigo da Trofa. Trouxemos de lá recordações na alma, pela recepção que nos ofereceram e eles terão também, concerteza, ficado com saudades nossas. Cremos que para o próximo ano será possível haver um arranjo no salão de festas, o que favorecerá a nossa actuação.

UMA POLICHINELICE — Estando nós assoberbados de serviço nos escritórios da Tipografia, entra o Sr. «Director Geral dos Desportos» cá do sítio. Vem certificar-se de quem faz ou não falta para ser dispensado do treino da nossa equipa de futebol. Quase no fim da conversa, toca o telefone. Pego, imediatamente, no auscultador. Era dos C.T.T. Por que assim mo pediram, cedo, logo, o dito ao Sr. «Director dos Futebois» e de mais atletismos da aldeia. Entretanto, com supresa geral, o referido Sr. «Director» ia ficando cada vez mais boquiaberto. Um fenómeno?! — Perguntámos. Talvez...

Eis a história:

Polichinelo pôs, de nossa ordem, no maço de correio do escritório, uma requisição de 3 Kgs. de terra preta para se trazer da drogaria de Cete. Alguns minutos depois — que os trochas podiam ficar de costas ao alto — ordenam-lhe que vá buscar a requisição para ir a Cete. Polichinelo não compreende e que faz? Vai ao correio! Evidentemente que o funcionário não percebeu meia do assunto e vá de pedir um esclarecimento.

Uma risota!

Dá a pouco chega. Suava por todos os poros.

— Que queres?

— Venho buscar a «recordação» de 3 quilos de terra fria.

— Terra fria?!... Estás enganado, pá. Ora lê...

— ...!

— E foi embora, envergonhadito, é certo, mas teso que nem um carapau!

Uma polichinelice!

Orlando da Rocha

Campanha de Assinaturas

PORTO — A procissão, hoje, fica já, quase, em dia. E não é sem tempo! Felizmente que o nosso silêncio não tem causado prejuizo ós senhores da Invicta.

Há para aqui tantas e tão boas notícias de interesse que nem sabemos, mesmo, por onde começar! O melhor será dar a palavra de entrada, aos entusiastas da nossa Festa do Coliseu — cujo calor permanece, e permanece pelo ano fora!:

«Minha irmã, que vive no Algarve, esteve alguns dias em minha casa, de visita. A meu convite assistiu à vossa festa no Coliseu. De tal modo ficou encantada que, além do mais... me pediu para materializar a sua grande admiração pela Obra, que a fizesse assinante do Famoso. Agradeço, desde já, a v/ boa atenção para o caso e subscrevo-me com a muita simpatia de sempre».

Estive mesmo, mesmo, pra lançar um pregãozinho ao micro do palco... Seria uma caçada importante, visto que muitos dos nossos Amigos, normalmente presentes, jamais pensaram a sério no Famoso — e por falta de uma apitadela. Esquecemo-nos... Foi pena. É a barafunda que a festa gera! Pró ano será. E vão ver os resultados da colheita. Eu tenho fé. Muita fé. Prôquê façam favor de botar os olhos em mais esta carta e dar-me toda a razão:

«Faz, hoje, precisamente, quatro anos que regresssei de Angola, onde residi durante cerca de 28 anos.

Há já três anos consecutivos que tenho assistido, com minha Mulher, à Festa do «Gaiato» no Coliseu do Porto, e que me tem sensibilizado profundamente.

Como sincero admirador da Obra da Rua, de que foi fundador o Grande Apóstolo da Cari-

dade, Rev.º Padre Américo, venho, pois, rogar a fineza de me considerar assinante desse «Famoso», a partir desta data».

Ora pronto. Como vêm não somos nós a chamar. Sois vós!

Agora, temos à vista uma prova de como é frutuosa a colheita de novos assinantes entre colegas de oficina ou de escritório:

«Peço a V. que considere assinante a menina... minha colega de trabalho e muito boa rapariga. Se puderem, mandem-lhe já o próximo Famoso. Um abraço de um seu amigo e muito amigo da Obra, e assinante».

E mais outra do mesmo género. É do assinante 3393, funcionário, no Porto, do Banco emissor:

«Peço a fineza de considerarem assinantes os seguintes senhores, a quem agradeço a remessa já do próximo número do jornal... No próximo mês e juntamente com os dos restantes assinantes que eu angariei e de cuja cobrança me tenho ocupado, enviarei também as importâncias relativas a estes novos assinantes».

Isto é que é devoção!

Alto! Ainda temos outra presença digna de ser meditada. É um cartão que traz, ao cimo, o cunho de um Ministério:

«Pelo presente quero solicitar de V. o favor de considerarem minha esposa, cujo nome indico abaixo, uma nova assinante do v/ jornal».

Que amor conjugal!

E se todos os maridos se lembrassem, assim, de suas esposas — e vice versa? Como seria o Famoso ainda mais famoso — porque mais lido e saboreado!

E pronto. Ficamos sem dar resposta, somente, aos inúmeros devotos de Lisboa, Ultramar e estrangeiro. Contamos que sim, no próximo número.

Júlio Mendes

«O Gaiato» ★
De Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

AUTO-CONSTRUÇÃO

Falámos uma vez de Auto-Construção ao Senhor Ministro das Obras Públicas. Sua Excelência ouviu e perguntou com interesse. Por fim manifestou a opinião de que devíamos estabelecer uma renda, ainda que pequena, aos Auto-Construtores durante alguns anos. O produto dessas rendas seria aplicado em novas construções. Ora nós dissemos que não e apontámos as razões. 1.º — Os Auto-Construtores fazem um grande sacrifício, durante alguns anos, para construir as suas casas. A organização obriga-os a fazerem moradias mais amplas e mais bem construídas. Também não poderão ser feitas num prazo de tempo que vá além dos três ou quatro anos. Ora este prazo de tempo parecerá longo a quem tenha reunido a quantia necessária para a obra; mas não para a grande maioria dos nossos pobres trabalhadores. Todas estas circunstâncias reunidas exigem um enorme sacrifício aos rapazes. 2.º — Feitas as casas, surgirão sempre gastos, maiores ou menores, com arranjos suplementares, com mobílias, ainda que modestas, com lojas de animais, mais com muros de suporte, etc. Além disso pode acontecer, tem já acontecido algumas vezes, que por ocasião do acabamento das casas alguns Auto-Construtores contraiam casamento, com as despesas do costume, mesmo realizado dentro da simplicidade e da modéstia. Uma renda, ainda que pequenina, nestas circuns-

tâncias, seria um encargo pesado. Auto-Construção não se destina a quem tem ordenados elevados, mas aos trabalhadores pobres. 3.º — A renda viria complicar. Teria que se guardar a mesma maneira de proceder para todos. E quem não pagasse? Que fazer? Tribunal? Deus nos livre. Muito do nosso tempo seria gasto a tratar desses problemas que, infelizmente, surgiriam. Não queremos. Nada como a simplicidade! Tanto quanto for possível, saibamos evitar as complicações. Casas feitas, casas entregues e ocupadas. Está ali muito trabalho, muito suor, muito sacrifício de pobres. Que eles possam imediatamente — e já não esperaram pouco — ser donos, sem reservas e sem encargos, das suas casas. Auto-Construção não quer contrair dívidas, nem fazer empréstimos. Não. Recebe gratuitamente o que os seus amigos lhe confiam e dá, gratuitamente e sem reservas, tal como recebeu. Auto-Construção negar-se-ia a si mesma no dia em que possuísse casas, ainda que por pouco tempo. Essas casas não seriam uma fonte de receita; seriam, sim, um estorvo, uma carga de trabalhos e preocupações. O Senhor Ministro ouviu estas razões. Não sei se ficou convencido, mas não insistiu mais na renda.

(Toda a correspondência para Auto-Construção, Aguiar da Beira).

Padre Fonseca